



NAS MARGENS: CARTOGRAFIAS DO ENTRE

AT THE MARGINS: CARTOGRAPHIES OF THE IN-BETWEEN

Kathleen Oliveira de Avila¹
(PPGArtes/UFPeI)
Associada ANPAP: não

Alice Jean Monsell²
(PPGArtes/CA/UFPeI)
Associada ANPAP: sim

Deivison Araújo da Silva³
(PPGArtes/CA/UFPeI)
Associado ANPAP: não

RESUMO

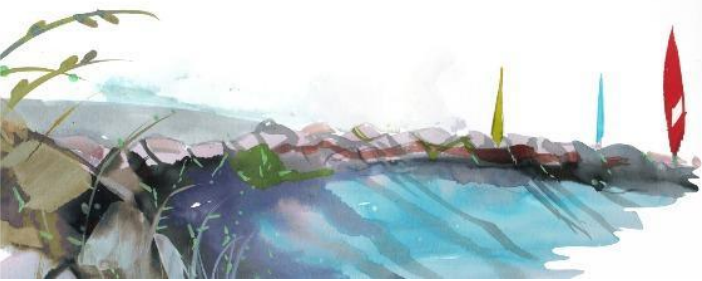
Este artigo compartilha fragmentos de uma experiência vivida no âmbito do projeto de pesquisa Experimentos com Contextos Ambientais Físicos e Virtuais por Meio de Formas de Deslocamento Poético. A partir de uma caminhada coletiva pelas margens urbanas de Pelotas, são ativadas práticas artísticas que operam como modos de escuta, atenção flutuante e implicação com o território. Com base em perspectivas cartográficas e ecosóficadas, investiga-se como o caminhar, o registro sensível e a criação coletiva podem produzir modos de conhecer situados, reverberando afetos, memórias e presenças nas dobras do espaço urbano.

Palavras-chave: Prática artística. Cartografia sensível. Ecosofia. Caminhada. Território.

¹ Doutoranda em Artes pelo PPGArtes/UFPeI, com pesquisa poética-acadêmica voltada à prática do passarinho em territórios urbanos margeantes. Artista visual e pesquisadora nas áreas de fotografia, caminhada, escrita, costura e relações entre corpo, território e cuidado. Integra os grupos de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DesLOCC (CNPq/UFPeI) e Arteecos: Núcleo de Estudos e Práticas Artísticas Ecosóficadas (CNPq/FURG) Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/2651425773610812>

² Professora associada dos colegiados do Bacharelado em Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes da UFPeI. Líder do grupo de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas - DesLOCC (CNPq/UFPeI). Artista plástica e pesquisadora nas áreas de Arte e Ecologia, situação performativa, instalação, desenho, múltiplos, arte propositiva e formas de deslocamento físico e virtual. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4833048616847907>

³ Mestrando em Artes PPGArtes/UFPeI, artista e pesquisador que investiga a prática do desenho a partir da variação de suporte e repetição de procedimentos gráficos, em que tencionaliza relações conexões intrapessoais e interpessoais do cotidiano com o meio ambiente a as tecnologias que nos norteiam. Integra os grupos de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas – DesLOCC (CNPq/UFPeI). Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5888620966617507>.



ABSTRACT

This article shares fragments of an experience carried out for the research project Experiments with Physical and Virtual Environmental Contexts Through Forms of Poetic Displacement. As a consequence of a group walk along the urban margins [outskirts] of Pelotas in southern Brazil, in which artistic practices are activated and operate as modes of listening, floating attention, and engagement with the territory. Based on cartographic and ecosophical perspectives, the investigation explores how walking, sensitive recording, and collective creation can produce situated ways of knowing, reverberating affections, memories, and presences within the folds of urban space.

KEYWORDS: *Artistic practice. Sensitive cartography. Ecosophy. Walking. Territory.*

Em tempos marcados pela aceleração e pelo esvaziamento da experiência sensível, propomos escutar o que emerge das margens — compreendidas aqui em um sentido ampliado, não apenas como localizações geográficas periféricas, mas como zonas liminares, fronteiras móveis entre o visível e o invisível, entre o cuidado e o abandono.

Este artigo compartilha um fragmento de processo vivido no âmbito do projeto de pesquisa *Experimentos com Contextos Ambientais Físicos e Virtuais por Meio de Formas de Deslocamento Poético*, vinculado ao grupo de pesquisa DesIOCC – Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel). Trata-se de uma investigação que se dá por meio do caminhar como procedimento de pesquisa, gesto poético, político e perceptivo. O caminhar é uma prática artística de deslocamento físico do corpo, e pode ser modo de “conhecer os espaços [...] da periferia contemporânea” segundo Francesco Careri (2013, p. 30). Além de Careri, esse trabalho dialoga com outros artistas referentes que praticam o deslocamento: Robert Smithson e Paulo Nazareth.

A pesquisa se inscreve no campo das Artes, mobilizando aproximações cartográficas inspiradas nas proposições de Passos, Kastrup e Escóssia (2015). A prática cartografia se soma ao ato de caminhar e nossos corpos em movimento se tornam parte de um processo de deslocamento perceptivo, sem objetivo de representar um território, e operando por meio de uma escuta sensível, de uma atenção flutuante e de um fazer artístico implicado com o contexto.



Partindo dessa caminhada coletiva realizada entre o bairro do Porto e o Canal do Pântano, na cidade de Pelotas, registramos imagens e experiências que deram origem à criação de uma obra coletiva e à curadoria de uma exposição que inclui mais dois projetos parceiros, tecendo uma escuta expandida do território a partir da caminhada, em ressonância com a noção ampliada de margem.

A perspectiva ecosófica de Félix Guattari (2011) também oferece ao trabalho uma compreensão ampliada de ecologia que articula inseparavelmente três dimensões: ambiental, social e da subjetividade humana. Essa abordagem permite compreender o território não apenas como espaço físico, mas como organismo vivo e como campo de produção de subjetividade transdisciplinar. Tal concepção dialoga com as proposições de Ailton Krenak (2019), que convoca a reconhecer a interdependência entre os modos de vida humanos e a Terra.

Articula-se, assim, a prática artística de caminhar à ecosofia de Guattari, à atenção flutuante de Kastrup e à concepção de território como espaço de convivência e interdependência proposta por Krenak. A partir dessas perspectivas, investigamos como práticas coletivas de deslocamento e criação podem operar como gesto de reexistência nos extremos — geográficos, subjetivos e políticos — da vida urbana.

Caminhando à margem

A proposta que deu origem ao presente trabalho partiu de uma caminhada realizada com os integrantes do projeto Experimentos, que investigam as relações entre arte, contexto, meio ambiente e práticas poéticas de deslocamento (PPGArtes/UFPel). Ao caminhar por suas bordas e zonas negligenciadas, buscamos refletir sobre os modos como práticas artísticas podem gerar deslocamentos éticos e perceptuais diante das fragilidades e situações de vulnerabilidade ambiental, social e subjetiva que atravessam esses territórios.

Ao propor essa caminhada¹, mobilizei o entendimento da cartografia como prática de acompanhamento de processos (Pozzana; Kastrup, 2015), na qual o percurso metodológico se constrói no próprio fazer, em observação constante ao território e



às forças que nele se atualizam. Não se tratava de produzir dados, mas de sustentar uma atenção flutuante — aberta a encontros, deslocamentos e afetos — permitindo que os sentidos da experiência se delineassem no próprio percurso, cientes aos fluxos, ausências e presenças que atravessam os espaços marginais da cidade.

O percurso proposto para nossa caminhada é um trajeto que muitos percorrem diariamente até a universidade, mas estendido em direção às bordas – às zonas periféricas do centro urbano – com atenção voltada às margens urbanas e sociais. Sem um roteiro previamente definido, deixamos que nossos passos seguissem um ritmo próprio, guiados pela curiosidade. Nesse sentido, intrinsecamente, nossos passos se orientavam pelos ensinamentos de Francesco Careri (2013) em *Walkscapes*, no qual o autor compartilha sua pesquisa sobre o caminhar como ferramenta artística e pedagógica, destacando sua experiência como docente na Universidade de Roma Tre, onde utiliza as práticas de caminhada como metodologia de ensino em arquitetura e arte urbana. Ainda, aponta a forte conexão de seus procedimentos metodológicos com as práticas do grupo *Stalker*, coletivo interdisciplinar de artistas, arquitetos e urbanistas fundado em 1995 em Roma, interessado em explorações urbanas, caminhadas e práticas de mapeamento em territórios marginais.

Inspiramo-nos, em especial, na primeira prática do grupo *Stalker*, realizada em 1995, quando caminharam durante quatro dias e três noites ao redor de Roma; não pela durabilidade do caminhar, mas pelos lugares por onde o percurso se realizava. Como Careri aponta, não se tratava de uma Roma histórica ou turística, nem de seus campos, mas de seus espaços intermediários, nos entrelugares, nas suas margens.

Ainda em Careri (2013, p. 30) identificamos a semelhança com a proposta do artista estadunidense Robert Smithson (1967), que, em *A Tour of the Monuments of Passaic*, descreve seu passeio “pelos espaços vazios da periferia” de sua cidade natal, caminhando às margens do rio Passaic, em Nova Jérsei, EUA.



Ao escrever sobre seu “passeio pelos monumentos”, Smithson (Flam, 1996) relata seu deslocamento nas margens do Rio Passaic. Com tom irônico, fala sobre os ‘monumentos’, os quais está no processo de fotografar com sua câmera “Instamatic 400” (p. 70). As fotografias, na versão original deste ensaio, nos revelam que esses “monumentos” são um tipo de arte encontrada no caminho, uma obra ready-made, pois os registros mostram canos de esgoto, resíduos industriais, uma ponte de madeira e aço e um enorme duto na margem do Rio Passaic. Smithson batizou essas estruturas como arte – monumentos ready-made – ao dar “um novo título e ponto de vista” (usando as palavras de Duchamp em *O caso de Richard Mutt* de 1917). Assim, um cano de esgoto se transformou em monumento escultórico da Land Art que ‘celebra’ a decadência industrial. Os registros apontam os resíduos da zona industrial de sua cidade natal que estava em processo de declínio no final do século XX, na época em que publicou *Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jérsei*.

Em contraponto, nosso passeio pela periferia urbana nas margens do canal de uma cidade brasileira se deriva de uma atitude outra: a de descoberta. O entorno da rua do canal do Pântano em Pelotas nos olha e nos faz perceber que essa região afastada do centro urbano é cheia de vida, pessoas e pássaros que convivem nas margens de um canal poluído pelo esgoto local.

Em nosso passeio, deixamos que o caminho nos conduzisse, permitindo que nossos corpos atravessassem diferentes texturas – do asfalto aos paralelepípedos, do chão batido à terra úmida, da lama às poças d’água – até alcançarmos o Canal São Gonçalo, seguindo primeiro pelo Canal do Pântano, um curso d’água menor que desemboca no maior. Nossa atenção flutuava como a própria água, percorrendo por debaixo de uma ponte velha, passando por uma carcaça de cachorro entre folhas que se tornavam paisagem. O lixo se camuflava entre as folhagens da margem, enquanto sensações e percepções se acumulavam: os cheiros, o chão da rua sem pavimento nos faziam despertar para o contraste entre os ritmos — da vida apressada no Centro e da vida lenta e silenciosa nas margens. Esse acúmulo de impressões sensoriais ficou registrado em nós: fragmentos de uma cartografia



entrópica, feita de percepções que escapam ao enquadramento fotográfico. Assim, refletimos: como costurar, então, os fios de água e de memória, as vistas e os vestígios que se desenham nesse caminho pelas beiras das águas?

Ao caminhar com o grupo, compartilhei os fragmentos da experiência que vivi quando atuei como visitadora do programa Primeira Infância Melhor – uma política pública intersetorial que busca promover o desenvolvimento integral na primeira infância. Durante aquele período, habitei cotidianamente esses territórios mais afastados do centro da cidade, lugares onde o olhar do poder público se faz presente apenas em sua ausência. Lembrei que, na enchente causada pela cheia dos rios em 2024, foram essas comunidades as primeiras a serem afetadas.

No trajeto, realizamos registros, colhemos impressões. Refletimos sobre as falhas da infraestrutura, a ausência de saneamento básico, a negligência histórica, o descarte. Mas também nos deixamos afetar pelas forças que resistem na margem: famílias sentadas à sombra de árvores, cadeiras na calçada, crianças brincando e correndo livres pelas ruas. Nosso olhar, em flutuação, não buscava capturar, mas acompanhar o que emerge entre as dobras do visível e do sensível. Um olhar do artista que cartografa com o corpo em movimento, atento ao que se insinua no entre. Como escreve a professora e psicóloga Virgínia Kastrup (2015, p.33):

A ideia é que, na base da construção de conhecimento através de um método dessa natureza, há um tipo de funcionamento da atenção que foi em parte descrito por S. Freud [...] com o conceito de atenção flutuante [...] requerendo uma concentração sem focalização, indicada por Gilles Deleuze [...] através da ideia de uma atenção à espreita.

É com esse modo de atenção - à espreita, flutuante - que caminhamos: pairando sem buscar capturar, permitindo que o processo se revele e, com ele, que nos aproximemos dos gestos mínimos, dos traços de cuidado, dos modos de viver que escapam à lógica hegemônica da cidade, que valoriza o progresso e a produtividade.



Por esse viés, tecemos diálogos do nosso fazer artístico com o do artista brasileiro Paulo Nazareth, que articula, em sua prática poética, atos de caminhar, escrever, fotografar e desenhar em contextos de expansão do percurso. Em trabalhos como a série *Notícias de América* (2011-2012), Nazareth elabora um roteiro singular: ir do Brasil até a fronteira dos Estados Unidos, a pé e descalço, com o propósito de transportar a terra dos territórios latinos. Durante essa jornada, estabelece diálogos profundos com as pessoas e os ambientes de cada país que atravessa. Dessas experiências, produz fotografias, desenhos, performances e frases que costuram de forma sensível as vivências partilhadas entre território e cultura. Esse processo evidencia um formato singular ao chegar nas galerias e em outros espaços alternativos, ao mesmo tempo em que organiza o espaço segundo critérios de eficiência e controle, também subverte essas lógicas, mediando algumas vendas e publicações de suas obras por valores acessíveis ou em seu blog.

Além da questionadora forma de repensar a geopolítica a partir da questão do apagamento das fronteiras (nacionais e de si), coloca-se aí o acirrado embate entre o artista e as instituições de arte (o museu, a galeria, a escola...), uma vez que suas performances de longa-duração (ou performance expandida) e a indeterminação de seus itinerários, objetos e conceitos repelem de modo radical a estipulação de prazos e locais de exibição. (Ribeiro, Guilherme, 2016, p.435)

Em nosso trabalho, identificamos aproximações em nossos procedimentos de buscar um espaço do “entre”, que pode ser pensado em termos de um ‘apagamento de fronteiras’ ou como zona de transição, e nas formas de mediação e fruição que se constroem a partir dos gestos poéticos em diálogo com o território.

Cartografias do entre

Linhas, divisões, diferenças, periferias, descentralizações, fronteiras, dentro e fora.

Existe um outro lado que não vemos.

Como escolher um lugar para ser não habitado? Ou melhor, um lugar para habitar fora do habitual?



Não podemos crer que a periferia seja um resultado natural, e sei lá, selvagem. Vivemos numa sociedade construída e adaptada, momento a momento, para enxergar o diferente, o marginal, como mero subproduto "natural" da ordem social.

(o outro)

O que há além da margem?

O que é a margem?

É a borda, o limite, o rio, a rua, o espaço em branco de uma folha sem conteúdo. Zona de transição.

Aquela linha onde se vê, de um lado, asfalto; do outro, terra batida.

A divisão entre concreto e raízes.

O lugar da lixeira e o lugar do descarte.

O lugar da casa e o lugar do barraco.

O lugar do trânsito de carros e o do trânsito de gente.

O lugar para o fora dele.

O que acontece quando atravessamos a linha divisória? Que experiência é essa?

Quão dissonantes são os ruídos? Que corpo transpira ali?

Essa linha pode ser visível ou invisível, abstrata ou física.

Estou dentro o suficiente para nomear o que há fora?

Marginal, mediano, medíocre, limítrofe.

Muro, cerca, fio, janela, parede, porta, rua, horizonte.

Junta, elo, zíper, portal, nó, costura, ponte, caminhada.

Centro de quê? De quem? Onde? COMO?

(Traçando a margem!)

O que acontece se eu ultrapassar?



Nosso grupo desenvolveu e expôs a instalação *Cartografias do entre* (Imagem 1), como desdobramento direto da caminhada coletiva realizada pelas margens do bairro Porto, em Pelotas. As imagens emergem do olhar atento às pequenas violências - ruas onde o esquecimento se inscreve nas calçadas irregulares, nos muros descascados, no lixo acumulado e no mato que cresce sobre o concreto e às formas de resistência, que habitam os interstícios da cidade.



Imagem 1. Obra coletiva do projeto de pesquisa *Experimentos com Contextos Ambientais Físicos e Virtuais por Meio de Formas de Deslocamento Poético*. *Cartografias do entre*, 2025. Impressão fotográfica em papel vegetal, desenho a grafite sobre papel vegetal, desenho a caneta sobre papel papiro e costura com linha de algodão sobre acetato e papel, 21 cm x 29,7 cm e 29,7 cm x 42 cm.

Foto: Hamilton Bittencourt, 2025.

A obra é composta por três fragmentos fotográficos impressos em papel vegetal, sobre os quais se sobrepõem, em camadas, desenhos em grafite e linhas costuradas, e mais três desenhos feitos com caneta azul sobre papel papiro, suspensos em fios de algodão que perfuram algumas das linhas desenhadas nas folhas. As imagens de base — uma vegetação rasteira que brota entre rachaduras e restos de calçada — são tensionadas por intervenções gráficas e têxteis que desenharam formas abertas, entre contorno e sutura, entre o que rompe e o que tenta recompor. Na montagem, são alinhavadas as tomadas fotográficas tiradas ao longo do caminho. Nos desenhos em azul, essa costura não é literal;



entretanto, as linhas delimitam representações da vegetação, das quedas de água do esgoto, e das folhagens que entrelaçam os padrões visuais da natureza e da cidade. Há uma união visual pela qual tudo se torna trama, formando uma rede gráfica de fragmentos da paisagem do entre, nas quais uma coisa flui dentro da outra. Nesse processo, há imagens que fundem o desenho e a fotografia impressa, o *entre* se expressa pela articulação que ocorre ao aproximarmos a fotografia impressa sobre papel vegetal disposta entre duas folhas de acetato costuradas. Os desenhos em grafite, buscam evidenciar as texturas da paisagem, ao mesmo tempo acrescentar elementos gráficos da experiência da caminhada. Ao furar o papel vegetal e o acetato, para construir trajetos nas folhas e dialogar com a narrativa visual das imagens, formamos uma instalação no espaço expositivo. Os papéis translúcidos permitem outra “perfuração” - a da luz, que passa por trás das imagens, as iluminando - propondo a precariedade visual/vivencial desse ecossistema nas margens do entre urbano-natural.

A escolha pelos materiais — papel vegetal, linha de algodão, grafite, papiro, acetato — é conceitual. As transparências permitem sobreposições que evocam a ideia de camadas de tempo e memória. As costuras não buscam reparar as fissuras, mas expô-las, insistindo em uma tentativa de reconexão provisória e sensível. O fio, em sua materialidade frágil, convoca o olhar para um tempo desacelerado, um ritmo de atenção que se aproxima do gesto de quem borda ou caminha sem pressa, com cuidado. Ao trabalhar com uma instalação fragilmente suspensa por um fio, dialogamos com a experiência de caminhar com leveza e atento ao território, como propõe Virgínia Kastrup (2015), concentrada, à espreita, flutuante, que orientou cada gesto do processo de criação.

Foi nesse deslocamento — da atenção para uma consciência de pertencimento — que as reflexões do filósofo e líder indígena Ailton Krenak passaram a ressoar com força em nosso processo, ao afirmar:

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que



não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 9-10).

Krenak nos convoca a repensar nossa relação com o território como um organismo vivo do qual somos parte indissociável. Essa compreensão se traduziu, na elaboração da instalação *Cartografias do entre*, em gestos que foram tanto corporais quanto materiais: costurar, desenhar, sobrepor, suspender, pendurar. Cada camada da obra carrega vestígios desse estado de atenção expandida, no qual o corpo que observa, que caminha e que se implica com o espaço reinscreve-se no território, produzindo não um mapa fixo, mas uma cartografia em movimento. Na etapa de montagem do conjunto, esse olhar em movimento foi considerado em relação aos corpos dos visitantes no espaço expositivo que é estreito, como um corredor. Ao passar pelas *Cartografias do entre*, as imagens foram dispostas de modo que se revelam em momentos, com profundidades espaciais e pontos de vista diversos, fragilmente pendurados juntos por seus fios entrelaçados e trêmulos. Cada camada de materialidade carrega as marcas de um olhar oscilante e atento que se produz no entre espaços da dobra entre o mundo e a experiência do pesquisador-artista.

Entre Linhas e Paisagens: ressonâncias do passarinhar

A partir da experiência vivida e compartilhada na caminhada realizada pelos integrantes do projeto de pesquisa *Experimentos*, surgiu o desejo de ampliar a ação. A exposição *Entre Linhas e Paisagens: ressonâncias do passarinhar* emerge dos diálogos entre projetos desenvolvidos no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPel, reunindo as contribuições de artistas, pesquisadores e professores. Em um segundo momento, buscamos ampliar esse processo ao articular dois grupos de pesquisa cujas investigações se entrelaçam: o *Des/OCC* – Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel) e o *Arteecos* – Núcleo de Estudos e Práticas Artísticas Ecosóficas (CNPq/FURG). Ambos compartilham interesses que atravessam território, corpo, poética e cuidado.

O *Arteecos* dedica-se à criação artística contemporânea a partir das 'três ecologias' propostas por Félix Guattari (2011) — mental, social e ambiental —, atuando em



contextos formais e não formais de arte, educação e saúde. Suas ações propõem microintervenções poéticas ancoradas em perspectivas decoloniais e cosmovisões múltiplas, com foco na arte como prática de cuidado interespecies e reverência à vida.

O grupo de pesquisa DesLOCC, por sua vez, tem o objetivo de fomentar a pesquisa em artes e a produção artística a partir de experiências de deslocamento. Atua na interface entre arte, geografia e memória, explorando múltiplas formas artísticas — como fotografia, poesia, desenho, vídeo, fanzines, caminhadas performativas, arte propositiva, bem como arte em rede — muitas vezes, a partir dos registros que emergem da vivência nos territórios percorridos.

Entre os grupos de pesquisa e o projeto *Experimentos*, há um entendimento comum de cartografia: não como mapeamento técnico ou geográfico, mas como um modo de pensar e agir artisticamente no território. Caminhar, nesse contexto, é prática de criação e pesquisa em arte, partindo da vivência em campo. No Arteecos, as caminhadas assumem uma dimensão ecosófica e interespecies; no DesLOCC, ganham forma nas observâncias do cotidiano urbano. Em comum, reconhecemos que o território e o cotidiano moldam — e são moldados por — práticas artísticas engajadas, situadas e sensíveis.

Convidamos então cada grupo a compor uma obra coletiva, tomando como eixos condutores as questões das margens e a perspectiva ecosófica. A ecosofia, enquanto filosofia ética, estética e social proposta por Guattari, articula transversalmente as dimensões do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. Como afirma Guattari (2011, p. 25):

Mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais.

As propostas *Fluxos ecosóficos de uma cidade movente* (Arteecos) e *Margem Passada* (DesLOCC) articulam-se na exposição como expressões sensíveis de um pensamento artístico atento às transformações do território e às relações entre



corpo, tempo e paisagem. Ambas compartilham um olhar ampliado do entorno — seja na tessitura rizomática de narrativas multiespécies em papelão reaproveitado, seja na videoinstalação que costura imagens aquáticas, medições do nível da água e deslocamentos corporais.

Enquanto *Fluxos ecosófico*s propõe uma cidade em devir, na qual vegetal, mineral e humano se entrelaçam em narrativas coletivas, *Margem Passada* dá visibilidade a uma fronteira líquida, tensionando distâncias e memórias inscritas nos tecidos. Essas produções ampliam o entendimento de margem — não como limite fixo, mas como espaço de relação, instabilidade e reinvenção.

A exposição permaneceu aberta ao público de 10 a 27 de junho de 2025, ocupando o Espaço de Arte Mello da Costa, no subsolo da Bibliotheca Pelotense, que é a biblioteca pública da cidade, local onde frequenta visitantes de diversas situações econômicas e culturais, (notando que esse fator foi considerado ao buscar um espaço expositivo capaz de alcançar um público amplo, não limitado aos estudantes e profissionais da arte). Ao reunir obras construídas coletivamente, buscamos tensionar a lógica da autoria individual, apostando no comum e na colaboração. O caminhar reafirma-se como gesto poético-político, pois o deslocamento físico se torna uma prática de resistência, de cuidado e de presença no mundo. Ao ocupar um espaço menos visível e ao reunir práticas coletivas, desconstrói a lógica do autor individual, e instaura um modo de criação colaborativa. Dessa forma, a exposição pode tensionar as linhas de fronteira, abrir espaços para o encontro e reivindicar a presença daqueles que historicamente foram marginalizados.

Considerações finais

Encerrar este percurso é, na verdade, reconhecer que ele permanece em fluxo. As caminhadas, os processos de observações e as criações coletivas que deram forma à exposição *Entre Linhas e Paisagens* afirmam que o território não é apenas um espaço a ser percorrido, mas um organismo vivo, do qual fazemos parte e ao qual somos ética e afetivamente implicados.



Ao atravessar as margens da cidade com atenção flutuante, foi possível perceber que os procedimentos artísticos de caminhar, costurar, desenhar e fotografar são também formas de reatar vínculos com o mundo e com suas camadas diversas - ambientais, sociais e subjetivas.

Mais do que uma produção coletiva acabada, longe de ser um resultado final, a exposição tornou-se um campo de reverberação, onde práticas de cuidado, atenção e partilha se inscrevem como modos de resistência frente aos apagamentos históricos e à lógica de exclusão que ainda atravessam os territórios urbanos. Assim, seguimos também tecendo formas de reexistir: atentos aos sinais que emergem das margens, aos ciclos da vida e às urgências de um presente que nos convoca a transformar.

Ao longo deste percurso, a cartografia se revelou não apenas como um método de investigação, mas como uma ética de relação com o território e com os sujeitos que o habitam. Sustentar uma atenção flutuante, aberta ao devir e ao inesperado, permitiu que a pesquisa se constituísse como um processo de criação compartilhada, onde o olhar atento, o cuidado e a resistência se entrelaçam. Mais do que um mapear do território, tratou-se modo de habitar seus entrelugares, acompanhando os movimentos de vida que persistem nas margens.

Assim, o caminhar, o escutar e o criar – em suas dimensões material, relacional e subjetiva – podem ser compreendidos como atos ecosófico que respondem aos desafios contemporâneos de costurar junto os percursos na margem e recompor os vínculos entre ser humano, sociedade e ambiente.

Referências

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. 4. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. 21ª ed. Campinas, SP: Papius, 2011.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2015.



KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRÊMIO PIPA. Paulo Nazareth. [S. l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/paulo-nazareth/>. Acesso em: 22 jul. 2025.

RIBEIRO, Guilherme. O fim do fim da arte: A poética itinerante de Paulo Nazareth. Landa, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 119-130, 2016. Disponível em: <https://revistalanda.ufsc.br/PDFs/vol5n1/28.%20DOSSIER%20%20Guilherme%20Ribeiro%20-%20O%20fim%20do%20fim%20da%20arte...%20PT.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SMITHSON, Robert. A tour of the monuments of Passaic, New Jersey (1967). In. FLAM, Jack (ed.). Robert Smithson: The collected writings. Berkeley: UCLA Press, 1996, p. 68-74.

Notas

Esse texto foi escrito em três vozes. Quando é utilizada a voz em primeira pessoa do singular, é a voz da artista e pesquisadora Kathleen Oliveira. Em outras instâncias, usaremos a primeira pessoa do plural.